



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES**

**LAILLA CRISTINA DA FROTA BARBOSA**

DE EXPECTADORA A ALUNA, DE ALUNA A PROFESSORA:  
UM CAMINHO PERCORRIDO PARA TORNAR-SE PROFESSORA

FORTALEZA

2017

LAILLA CRISTINA DA FROTA BARBOSA

DE EXPECTADORA A ALUNA, DE ALUNA A PROFESSORA:  
UM CAMINHO PERCORRIDO PARA TORNAR-SE PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso II submetido à  
Coordenação do curso de Educação Física  
referente ao término da graduação de Bacharelado  
em Educação Física da Universidade Federal do  
Ceará.

Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B199e Barbosa, Laila Cristina da Frota.  
De expectadora a aluna, de aluna a professora : um caminho percorrido para tornar-se professora / Laila Cristina da Frota Barbosa. – 2017.  
37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

1. Formação. 2. Docência. 3. Autobiografia. I. Título.

CDD 790

---

**FICHA DE APROVAÇÃO****LAILLA CRISTINA DA FROTA BARBOSA****DE EXPECTADORA A ALUNA, DE ALUNA A PROFESSORA: UMA  
APRENDIZAGEM VIVIDA A PARTIR E POR MEIO DA DANÇA**APROVADO, em: 14 / dezembro / 2017.

---

Profa. Dra. Tatiana Passos Zyberberg – Orientadora  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

---

Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

---

Profa. Tassia Oliveira Ramos  
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Fortaleza – CE

2017

## RESUMO

Este trabalho é um relato autobiográfico de uma jovem que no decorrer da sua formação acadêmica “constituiu-se” professora. Por meio da metodologia autobiográfica (SOUZA, 2006) a autora narra a sua história de vida destacando alguns momentos da infância até a conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física. A dança é o tema central, o qual é refletido em diversos contextos, como lazer, qualidade de vida, formação acadêmica, experiência artística e intervenção de estágio/programas de bolsa. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação acadêmica, disciplinas que mais marcaram e como as experiências extracurriculares podem encaminhar esse profissional para a docência. O primeiro capítulo destacando momentos da infância e adolescência, o segundo focando em algumas disciplinas de sua formação superior, e dois seguintes falando de projetos que também contribuíram mais diretamente para torna-la professora, por fim reflete sobre a formação acadêmica considerando não só o conteúdo disciplinar, como também as experimentações em programas e projetos que a faculdade possibilita, concluindo que a formação profissional do professor deve também basear-se nas possibilidades de intervenções e vivências que o discente pode buscar dentro ou fora da faculdade.

**Palavras-chave:** Formação, dança, autobiografia, docência.

## ABSTRACT

This work is an autobiographical account of a young woman who in the course of her academic formation "constituted" a teacher. Through the autobiographical methodology (SOUZA, 2006) the author narrates her life history highlighting some moments from childhood until the conclusion of the Bachelor's Degree in Physical Education. Dance is the central theme, which is reflected in various contexts such as leisure, quality of life, academic training, artistic experience and internship / stock exchange intervention. This work aims to reflect on the academic formation, disciplines that most striking and how the extracurricular experiences can direct this professional to the teaching. The first chapter emphasizing moments of childhood and adolescence, the second focusing on some disciplines of its higher education, and two following talking about projects that also contributed more directly to make her a teacher, finally reflects on the academic formation considering not only the content discipline, as well as the experiments in programs and projects that the college makes possible, concluding that the professional formation of the teacher must also be based on the possibilities of interventions and experiences that the student can seek in or out of college.

Keywords: Formation, dance, autobiography, teaching.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
1. DE ONDE EU VIM: DE EXPECTADORA A ALUNA .....	10
2. UM NOVO OLHAR: DE ALUNA A PROFESSORA .....	13
3. PELC E LAZER – MEU PRIMEIRO PASSO COMO PROFESSORA.....	19
3.1 O QUER SERIA O LAZER? .....	22
3.2 DE ALUNA A PROFESSORA: A VIRADA DA CHAVE. ....	24
4. DE PROFESSORA A PROFESSORA: UMA CONSTANTE BUSCA DE NOVOS CONHECIMENTOS. ....	28
4.1. EXPERIENCIAS COMO PROFESSORA.....	31
5. REFLEXÕES DA TRANSMUTAÇÃO DISCENTE-DOCENTE. ....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

O que é ser professor? Essa foi a questão mais difícil que eu já tive que responder durante toda a graduação. Porém, só consegui perceber o peso da palavra e a amplitude desta função, a partir do sexto semestre.

Este trabalho surgiu, ainda sem forma, por conta de uma inquietação causada por experiências como aluna, experiências estas que me fizeram questionar como um mesmo curso pode formar profissionais tão diferentes. Então me permiti aprofundar nesse tema por intermédio de uma imersão bibliográfica para, num olhar mais crítico, compreender estas indagações.

O caminho do método autobiográfico, que se caracteriza por narrar os fatos acontecidos pela ótica do locutor, levando em consideração suas experiências vividas para e na formação superior, foi escolhido por considerar as experiências vividas na narrativa. Souza (2006) afirma:

[..] Entendo que a abordagem biográfica e a autobiografia das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como “narrativas de formação” inscrevem-se nesta abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e auto formativo, através das experiências dos atores em formação (p.26)

O trabalho tem como objetivo refletir sobre a minha trajetória acadêmica na formação inicial, apresentando fragmentos do meu percurso discente rumo à docência, priorizando as experiências mais relacionadas à dança. Aponto as disciplinas que mais me marcaram e discuto como as experiências extracurriculares podem preparar/solidificar esse profissional para a docência. Quando falo em formação, parto de um olhar de que graduar-se vai além do conteúdo disciplinar, considero que as experiências, estágios e programas de bolsa, ampliaram e desenharam o profissional que me tornei.

Basearei meu relato autobiográfico na visão de Bondía (2002) de que a experiência é “o que nos passa”, ou seja, o que fica; o que nos toca; o que nos transpassa.



Portanto, a narrativa aqui compartilhada, utilizou esse critério para selecionar que momentos e experiências mais valiosos; aqueles que mais me marcaram, me transformaram e que moldaram a professora que eu viria a ser. Para Bondía (2002)

A vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se (p.28).

Este relato autobiográfico foi organizado de forma que o leitor acompanhe o meu caminho de aprendizagem. No primeiro capítulo identifiquei aspectos da minha infância e adolescência e a relação com a dança. No segundo capítulo sigo acompanhando o percurso acadêmico quando são citadas as disciplinas e experiências que foram marcantes e necessárias para minha formação como professora. Os capítulos seguintes expõem dois projetos que foram responsáveis por “moldar” a figura da aluna em professora de forma mais intensa e direta. Por último, trago reflexões acerca de uma formação que compreenda o profissional como indivíduo em constante aprendizagem, e não um “depositário de conteúdos” (FREIRE, 1996).

## 1. DE ONDE EU VIM: DE EXPECTADORA A ALUNA

Nasci em uma formação tradicional da família brasileira, com pai, mãe e irmão. Eles já estavam casados há 10 anos quando aconteceu a gravidez do segundo filho, no caso, eu.

Meu pai e minha mãe sempre quiseram uma menina, meu nome já tinha sido escolhido por minha mãe quando ela ainda era adolescente, mas ela teve um diagnóstico de raldura uterina e a recomendação foi a suspensão do medicamento anticoncepcional, durante este tratamento, eu acabei sendo gerada.

Meu pai ficou muito feliz com o novo filho chegando, porém ele nunca cuidou realmente dos filhos, todo o trabalho era da minha mãe.

Minha gestação foi tranquila, tudo acontecendo dentro das expectativas médicas; a única complicação aconteceu no parto, onde ao invés de sair com a “moleira” eu saí com a face e fiquei presa por um tempo; fazendo com que os médicos precisassem me empurrar de volta para sair corretamente. O problema maior aconteceu porque não informaram a minha mãe da minha saída equivocada, então ela continuou fazendo força e agravou a situação. Então no dia nove de agosto de mil novecentos e noventa e dois, dia em que a seleção brasileira de vôlei ganhou a primeira medalha de ouro olímpica, fato que meu pai ficou assistindo na sala de espera enquanto minha mãe estava em trabalho de parto, eu nasci.

Desde muito criança eu já gostava de me movimentar, era muito ativa e gostava muito do “recreio” e das aulas de “recreação” . Tenho fotos que mostram-me com três anos dançando “na boquinha da garrafa” do grupo de axé ‘É o Tchan’. Eu sabia todas as coreografias e dançava tudo, não tenho lembranças dos meus pais me recriminando de dançar esse tipo de música. Em 2002, a novela O clone estava no ar e, o enredo se passava em Marrocos. Durante a novela, por vezes aconteciam exibições de dança do ventre, uma dança característica do país e dançada por mulheres; normalmente nesses momentos eu corria para o quarto da minha mãe e pegava um lenço e tentava imitar a protagonista.

Além disso, no condomínio onde morava, existia um parquinho onde eu ia brincar todo final de semana (se eu não estivesse de castigo), e minha brincadeira

favorita era “virar” que consistia basicamente em fazer piruetas e movimentos da ginástica nos brinquedos sem tocar os pés no chão.

Apesar de todos esses indícios de que eu poderia desenvolver bem mais minhas capacidades físicas, meus pais nunca me colocaram para fazer nenhuma atividade extracurricular, com isso eu só tinha os momentos de lazer e as aulas de Educação Física no colégio para me movimentar.

Eu amadureci um pouco tarde e talvez tenha acelerado ou pulado algumas fases do meu desenvolvimento emocional e psicológico. Brinquei até meus quinze anos e só então entrei na adolescência. Nessa mesma fase, junto com a carga hormonal veio o ganho de peso. Como já disse antes, eu era muito ativa e meu metabolismo era acelerado também, porém com a adolescência a menarca e a queda do hormônio do crescimento (GH) fizeram meu metabolismo desacelerar, então o que eu comia antes agora sobrava e se tornava gordura.

Dos quinze aos dezessete anos eu engordei dez quilos e não consegui voltar ao peso anterior. Nessa fase eu não me achava bonita, não conseguia me interessar por menino nenhum porque achava que nenhum deles ia gostar de mim. Então com dezessete anos eu resolvi que emagreceria, cortei meu almoço pela metade, passava horas sem comer e quando comia, comia pouco. Com esse feito eu emagreci sete quilos, mas não gostava do que via no espelho, agora estava magra demais.

O emagrecimento súbito me causou uma anemia, diagnosticada quando precisei ir na emergência por consequência dos vários episódios de fraqueza que eu tive. Voltei a me alimentar direito e me foi recomendado à prática de atividade física, então me matriculei em uma academia de musculação perto do meu colégio.

O professor da academia era ótimo, se tornou um grande amigo, me incentivava e me mostrava os resultados quando eu alcançava as metas. Eu estava no terceiro ano e como quase todo adolescente, estava muito indecisa que curso eu poderia escolher. Quando criança, pensei em ser médica pediatra, mas a possibilidade de ter uma vida em minhas mãos me assustou, depois pensei em cursar Direito mas desanimei quando percebi que passaria o resto da vida somente lendo e não me movimentando.

Fiquei entre quatro possibilidades: Educação física, porque gostava de me movimentar; Jornalismo, porque escrevia e falava muito bem; Psicologia porque gostava muito de ajudar os outros; e Dança porque era apaixonada por tudo a ela relacionado.

Meu vestibular foi o ENEM, o primeiro a funcionar como mecanismo de seleção para ingresso na faculdade. Optei por fazer educação física por conta de gostar de movimentar e por ser uma possibilidade de trabalhar com o que eu amava: a dança. Não optei pelo curso de dança porque achei que me restringiria às oportunidades de trabalho e o curso de Educação Física me daria outros horizontes. Fiz 116 questões, pontuação mais alta da sala sem ter realmente estudado. Sempre fui uma ótima aluna, mas nunca gostei de me sentar e estudar; mesmo as matérias que eu gostava eu evitava estudar e acabava aprendendo muito mais durante as aulas e com as anotações do que os professores falavam.

Inscrevi-me no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e escolhi Educação Física bacharelado como primeira opção, quando apareceram as opções bacharelado e licenciatura eu pesquisei o que trabalhava em cada uma e escolhi a que eu mais me identificava. Passei em vigésimo quinto lugar para a turma de Educação Física bacharelado integral que ingressaria em 2011.2 na Universidade Federal do Ceará (UFC) e a partir daí comecei a deixar de ser expectadora para me tornar aluna.

## 2. UM NOVO OLHAR: DE ALUNA A PROFESSORA

No primeiro semestre do curso (2011.2) tive as disciplinas básicas para começar o curso, porém, a que mais me marcou foi uma bastante inesperada: Fundamentos Filosóficos da Educação Física. A disciplina ainda esperava o docente que iria assumir, então só começamos a ter aulas cerca de dois meses depois do início do período letivo.

Primeiramente, eu não conseguia compreender como a filosofia estaria associada à educação física, para completar, surgiu uma professora que não tinha “cara de professora” e nos dizia que o trabalho final da disciplina não tem um formato ou linguagem específica, que podia ser o que nós quisermos. Para uma estudante que vem de um sistema de ensino onde até a hora de ir ao banheiro nos é dita, essa liberdade desencadeou um pequeno momento de pânico.

Passado o choque inicial, começamos às aulas. Essa professora de sobrenome esquisito<sup>1</sup> ministrava a aula com paixão, um sentimento que eu até o momento não tinha visto em nenhum professor e nem expressado daquela maneira. Ela fazia fundamentos complexos serem compreendidos facilmente com associações que nós nunca pensamos.

Foi então que eu comecei a compreender o porquê da disciplina ser ofertada logo no primeiro semestre de curso. O primeiro questionamento que me fiz foi “O que é filosofia?” e “logo depois surgiu” para que serve a filosofia? ”.

Esses dois questionamentos básicos foram respondidos claramente por Chauí (2000), no seu livro Convite à Filosofia.

Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é Filosofia?” poderia ser: A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

Perguntaram, certa vez, a um filósofo: “Para que Filosofia?”. E ele respondeu: “Para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações” (p.09).

---

<sup>1</sup> Sobrenome “complicado” refiro-me à professora Tatiana Passos Zylberberg.

Compreendida a sua importância, eu me aprofundei mais nos fundamentos da filosofia. Outro termo muito importante dentro da filosofia é a atitude filosófica que consiste em não aceitar sem questionar falas de senso comum, preconceitos e conceitos pré-estabelecidos (CHAUÍ, 2000).

A partir dessa disciplina passei a questionar verdades eternas e a ver as situações do dia a dia de forma diferente, me questionando sempre que possível. Terminei o meu primeiro semestre na faculdade com a sensação de que tinha feito a escolha certa quando coloquei a Educação Física como primeira opção no Sisu.

Nesse semestre também tive o meu primeiro contato com aulas de dança, eu participei durante todo o semestre de uma vertente do projeto “Dançar faz bem” que acontecia na UFC, o projeto consistia em aulas de dança de salão de vários ritmos (aos sábados), e também de aulas o Zouk, onde participei somente do segundo (terças e quintas no intervalo do almoço).

Ritmo brasileiro com influencia da lambada, o Zouk foi o meu primeiro passo de entrega consciente para o mundo da dança, aprendi temáticas da dança de salão e o prazer de se dançar à dois.

No segundo semestre do curso (2012.1), veio outra disciplina que me marcou, também ministrada pela mesma professora, Fundamentos Sociológicos da Educação Física, entretanto, esta marca não foi boa, porque sentia um mistura de angústia e aprisionamento, como explico adiante.

Como o nome sugere, essa disciplina trata dos fundamentos da sociologia que segundo Lakatos & Marconi (1990) é o:

Estudo científico das relações sociais, das formas de associação, destacando-se os caracteres gerais comuns a todas as classes de fenômenos sociais, fenômenos que se produzem nas relações de grupos entre seres humanos. Estuda o homem e o meio humano em suas interações recíprocas (p.22 /23).

Segundo o mesmo autor:

A Sociologia não é normativa, nem emite juízos de valor sobre os tipos de associação e relações estudados, pois se baseia em estudos objetivos que melhor podem revelar a verdadeira natureza dos fenômenos sociais. A Sociologia, desta forma, e o estudo e o conhecimento objetivo da realidade social (p.22 /23).

Entendendo isso começamos a ver os autores da área e seus conceitos sobre os diversos ramos da sociologia. Dentre eles Karl Marx que dizia que o homem é produto do meio e suas escolhas são fruto das opções que o meio lhe dar.

Esses conceitos, que a princípio parecem ser inofensivos, me causaram um mal estar tão grande que durou a disciplina toda e quase me fez reprovar. Nunca gostei muito de amarras e limites, quando entrei na universidade o primeiro semestre foi libertador e fez eu me sentir livre, qual a minha surpresa ao descobrir que até as escolhas que eu achava que tinha, não eram totalmente minhas? Que meus pensamentos, decisões, conceitos, amigos, tudo podia não ser totalmente minha escolha? Essa sensação, de estar em um labirinto onde todas as saídas apontam de certa forma para o mesmo lugar, durou até quase o fim da disciplina quando eu percebi “porque” estava estudando todos aqueles conteúdos.

Na Educação Física estudamos pra ser professores, mesmo no bacharelado, estamos sempre ensinando outro indivíduo. Seja na escola, academia, parques, praia, centros recreativos, nosso objeto de trabalho é outro alguém. E esse alguém tem uma história, e pra entender suas escolhas e seu modo de ver os diversos conceitos que a vida impõe, eu precisava compreender a história daquela pessoa e que caminhos ela teve que percorrer pra chegar até mim e me encontrar como professora. Eu precisava entender esse caminho para motivar e ajudar meu aluno da melhor forma possível, para entender que alguns problemas eu talvez não pudesse ajudar, porém as minhas aulas poderiam contribuir para contornar essa dificuldade e fazer com meu aluno permanecesse nas minhas aulas. Depois de compreender isso percebi que já não olhava o outro como aluna, a professora começava a despertar em mim.

Comecei o terceiro semestre do curso (2012.2) me preparando para enfrentar o ‘monstro’ da educação física: a Fisiologia humana. Nesse semestre eu também teria a disciplina de Ética e profissionalidade, cujo foco era os dilemas éticos no âmbito profissional.

A disciplina de fisiologia era ofertada somente pelo Departamento de Medicina da UFC e lá as turmas de educação física não eram bem vistas. A falta de vontade que alguns professores vinham dar aula era nítida, e por vezes davam indícios de que o “problema” era a turma deste curso. Não havia um sentimento de

acolhimento, parecia que éramos intrusos tomando o lugar de alguém que eles gostavam muito. Claro, isso são apenas percepções de uma aluna, que reprovou essa disciplina uma vez e conseguiu passar na segunda.

Além dessas percepções subjetivas tinha a complicação da matéria em si, eram oito horas semanais, dois dias na semana, e quando tinha monitoria ficávamos mais duas horas no departamento e tínhamos que correr pra conseguir comer e voltar, para que assim que encerrava ,correr novamente pra ir para o outro campus onde era o nosso bloco didático para ter aula. E qual era a aula que acontecia depois dessa maratona? Ética e profissionalidade.

Durante as aulas de Ética, no início, era difícil ficar acordado, não porque a aula era chata, mas porque nós já estávamos exaustos logo no começo da tarde. Não era uma disciplina prática, ou seja, uma disciplina em que na maioria das aulas teríamos textos e debates em sala, sem um momento de atividade física.

A professora fazia milagre para nos manter atentos, e foi justamente durante as aulas que eu comecei a mudar a minha visão e a aprender com os exemplos negativos, passei a usar os exemplos negativos como o da disciplina de fisiologia humana, para entender o que eu, como professora, não deveria fazer. Como falei antes, reprovei no primeiro semestre que cursei fisiologia, consegui passar só na segunda vez. Ética por sua vez, passei com louvor, tanto que ao final da disciplina a professora me avisou que as vagas para monitor das disciplinas que ela ministrava estariam abertas para o próximo semestre, e me convidou a participar da seleção.

O ano de 2013 foi um degrau decisivo na minha formação como professora, isso porque foi o ano onde eu fui monitora de três disciplinas no primeiro semestre e duas disciplinas no segundo semestre; em abril eu comecei a fazer parte do grupo de dança popular da UFC, o Oré Anacã e com eles fiz minha primeira viagem para fora do Brasil com a dança e em julho consegui a minha primeira bolsa da faculdade.

Em 2013.1 eu era monitora de Fundamentos Filosóficos da Educação Física (diurno e noturno) e também de Ética e profissionalidade ofertada apenas para o curso diurno. As disciplinas de Filosóficos eram ofertadas no primeiro semestre, e a disciplina de Ética era ofertada para o terceiro semestre. A forma de enxergar o aprendizado nas três disciplinas foi diferente.



Enquanto a disciplina de Filosóficos da turma do diurno eram na maioria jovens de vinte e poucos anos ou recém-saídos do colégio o clima era por vezes de brincadeiras e animação e, na aula, era preciso resgatar a atenção dos alunos. Já na disciplina ofertada para o noturno, no qual a maioria das pessoas era da faixa etária dos trinta anos e já trabalhava, havia momentos de brincadeira, porém não se perdia o foco, eles conseguiam relacionar os temas e conteúdos muito bem.

Na disciplina de Ética surgiu uma inquietação minha, a turma era em sua grande maioria de licenciados, porém era difícil fazer os alunos se envolverem mais nas temáticas e debaterem. Era como se eles não enxergassem funcionalidade naquilo que estavam estudando. Minha inquietação nasceu pelo fato de que a minha turma de bacharelado, que havia cursado a disciplina no semestre anterior entendeu e trabalhava essa temática de forma muito mais natural, além de se importar e debater de forma séria nas aulas sobre os temas trabalhados.

Paralelo a essas atividades acadêmicas, entrei para o grupo de dança popular da UFC em abril. Quatro amigos meus já faziam parte do grupo e insistiam em me chamar para participar, o grupo contava com cerca de 30 participantes ativos, e destes 26 bolsistas. Um dos bolsistas precisou desistir da bolsa e esta foi encaminhada pra mim, que a partir daí consegui minha primeira bolsa na universidade para me manter dançarina do grupo.

Se no primeiro semestre eu foquei na monitoria e nas experiências que ela me trouxe, no segundo semestre eu precisei focar no grupo de dança, pois participaríamos do Festival Universitário de Cultura Popular que aconteceria em Outubro de 2013 em Ouro Preto – MG.

Tudo tinha que ser pensado em grupo, as passagens, a hospedagem os figurinos, a escalação das apresentações, as trocas de roupas durante as apresentações. Essa viagem foi uma experiência única que todo artista deveria vivenciar. Fez-me perceber como era grande a responsabilidade do coordenar do grupo e em quantas coisas ele tinha de pensar e realizar ao mesmo tempo para que tudo corresse bem durante a viagem.

Se em 2013 eu recebi bolsa apenas para permanecer no grupo como dançarina, em 2014 eu teria que dar aulas e monitorar alunos em outro projeto.

Tornei-me bolsista do projeto Saúde em Movimento que atendia adultos a partir dos quarenta anos, idosos e pessoas com doenças crônicas, onde o projeto consistia em aferição de pressão arterial em repouso, caminhada de trinta minutos com verificação de frequência cardíaca antes, durante e ao término da caminhada. Logo depois os alunos iriam para a sala para fazer treinamento de força por vinte minutos, com o auxílio de halteres e caneleiras; ao término das atividades novamente se aferia a pressão arterial dos participantes. O projeto acontecia três vezes na semana de seis às nove da manhã, e também os encontros do grupo de estudos uma vez a cada quinze dias.

Essa foi a minha primeira experiência como monitora e foi parte importante para que eu me enxergasse como tal. Apesar de estar com outra bolsa para permanecer no grupo de dança, não o abandonei e continuei com minhas atividades nos dois projetos.

Em 2015 eu renovei minha bolsa do projeto Saúde em Movimento e continuei com o trabalho que eu já fazia, porém a equipe dos bolsistas mudou e com isso, mudou nossa forma de ensinar no projeto. Nesse ano acrescentamos atividades de ludicidade e treinamento uma vez a cada duas semanas. Eram aulas de hidroginástica nas segundas; aulas no laboratório de força aplicado ao esporte, lugar onde se encontram o maquinário de musculação da universidade para as disciplinas do curso; e aulas de brincadeiras e jogos na sexta no ginásio.

Digo que mudou não só porque acrescentamos atividades, mas porque o professor nos deu certa autonomia para melhorar o projeto e não simplesmente delegou as funções que deveriam ser obedecidas; a equipe também contribuiu visto que todos eram de certa forma responsáveis de alguma função importante, o que ajudava já que várias atividades demanda de várias pessoas que possam gerir cada uma delas. Também em fevereiro deste ano eu participei do processo de seleção de Programa de Esporte e Lazer na Cidade – PELC do Governo do estado do Ceará e fui aprovada. Comecei minhas atividades no projeto em junho.

### **3. PELC E LAZER – MEU PRIMEIRO PASSO COMO PROFESSORA.**

Em fevereiro de 2015 eu participei do processo seletivo para agente social do Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC) que aconteceu na sede na Secretaria de Esportes do Ceará (SESPORTE).

O programa administrava 57 núcleos sendo 42 destes locados no interior do Ceará e 15 núcleos locados em Fortaleza, a capital. Cada núcleo contava com um coordenador de núcleo, e cerca de quatro a seis agentes (esportivos ou sociais) locados de acordo com a necessidade do núcleo. O coordenador pedagógico era o superior do coordenador de núcleo e normalmente era responsável por gerenciar até seis núcleos. Ambos os coordenadores trabalhavam dois turnos, ou seja, quarenta horas semanais; e os agentes trabalhavam vinte horas semanais; destas, quatorze horas/ aula, duas horas para reuniões, duas horas de planejamento de aula e duas horas de banco de horas, podendo ser usadas nos eventos mensais que o núcleo tinha que organizar.

Somente em junho fui convocada para participar do projeto, e minha primeira obrigação como agente social seria participar das formações que eram fornecidas a todos os integrantes do projeto.

A primeira formação foi uma espécie de capacitação/introdução e nivelamento para os agentes.

Nela vimos que:

Implantado e gerenciado pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), do Ministério do Esporte, o Esporte e Lazer da Cidade (PELC) é um programa do tipo finalístico. Criado em 2003, tem a finalidade de desenvolver uma proposta de política pública e social que atenda às necessidades de esporte recreativo e de lazer da população (Diretrizes do PELC, 2014, p.03).

Porém o que consistia realmente o PELC?

O PELC, na sua essência, além de proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer que envolvem todas as faixas etárias, incluindo pessoas com deficiência, estimula a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, fomenta a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e o lazer sejam tratados

como políticas públicas e direitos de todos. O Programa se desenvolve a partir da implantação de núcleos de esporte recreativo e lazer. A principal justificativa para a consolidação do PELC é a conscientização dos parceiros a respeito da importância do investimento nas políticas públicas de esporte e lazer, no sentido de contribuir para que estas avancem do atual estágio de política de um governo para a dimensão mais ampla de Política de Estado (Diretrizes do PELC, 2014, p.03).

O programa tinha como “objetivo central democratizar o lazer e o esporte recreativo para que os participantes tomem como própria a sua condição de cidadão, integrando-se à sociedade” (Diretrizes do PELC, 2014, p.04).

E tinha os seguintes Objetivos Específicos:

- Nortear ações voltadas para públicos diferenciados nos núcleos lazer e esporte recreativo;
- Estimular a gestão participativa entre os atores locais direta e indiretamente envolvidos;
- Orientar entidades convenientes para estruturar e conduzir políticas públicas de lazer e esporte recreativo;
- Promover a formação continuada de agentes sociais de lazer e esporte recreativo;
- Incentivar a organização coletiva de eventos de lazer e esporte recreativo para envolver a população local para além dos núcleos;
- Reconhecer as qualidades da cultura local na apropriação do direito ao lazer e ao esporte recreativo. (Diretrizes do PELC, 2014, p.05).

Objetivos estes que deveriam ser alcançados através de dois caminhos a “Implantação e Desenvolvimento de Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer” e a “Formação Continuada” (Diretrizes do PELC, 2014, p.05).

A implantação e desenvolvimento dos núcleos tinha como objetivo garantir o acesso ao lazer em sua dimensão recreativa à comunidades carentes e pessoas com deficiência. Já a Formação Continuada, tinha o objetivo de formar e capacitar os parceiros atuantes no programa. (Diretrizes do PELC, 2014, p.05).

Assim como garante a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

- Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.
- 2. Art. 217 – É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um.
- 3. § 3º - O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

Sabendo que o projeto trata justamente da promoção, divulgação e difusão do lazer através do PELC, é relevante explicar sobre o que é o lazer, seus conceitos e suas funções antes de continuar o relato autobiográfico.

### 3.1 O QUER SERIA O LAZER?

A palavra Lazer está muito presente na realidade brasileira, e em diversos estudos sobre o tema percebe-se a grande influência de Dumazedier em sua definição:

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2000).

Aquino & Martins citam Dumazedier (1979) para especificar que “o lazer é exercido à margem das obrigações sociais em um tempo que varia segundo a forma de intensidade de engajamento do mesmo em suas atividades laborais”. Ou seja, são atividades realizadas voluntariamente cujo objetivo é a satisfação de necessidades naturais da espécie humana, como descanso, diversão, convívio social e desenvolvimento da personalidade (FALEIROS, 1980).

Muito utilizado nos últimos anos, o termo lazer vem crescendo de forma gradativa sendo utilizado em sua versão real ou em associação a palavras como turismo, divertimento, entretenimento e recreação (AQUINO & MARTINS, 2007).

Dumazedier (2000) também classifica as funções do lazer em: descanso; divertimento, recreação ou entretenimento; e desenvolvimento.

O lazer tem a função de descanso quando assume a finalidade de liberar o indivíduo da fadiga, quando é reparador do cansaço físico e/ou nervoso causado pela tensão da rotina diária, laboral ou não. Se a primeira função era em oposição à fadiga, a segunda; com função de divertimento, recreação ou entretenimento; é em oposição ao tédio (DUMAZEDIER, 2000).

A terceira função de desenvolvimento da personalidade, segundo o mesmo autor:

[...] Depende dos automatismos do pensamento e da ação cotidiana; permite uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais; possibilita o

desenvolvimento livre de atitudes adquiridas na escola, sempre ultrapassadas pela contínua e complexa evolução da sociedade e incita a adotar atividades ativas na utilização de fontes diversas de informação, tradicionais ou modernas (p.34/35).

Após essa explicação sobre o lazer e suas características, podemos retornar ao relato de forma mais consciente dos conteúdos trabalhados e exigidos como competência dos agentes, sociais e esportivos, e dos coordenadores, de núcleo e pedagógicos.

### **3.2 DE ALUNA A PROFESSORA: A VIRADA DA CHAVE.**

Assumi como agente social na semana seguinte à minha primeira formação. Minha função no núcleo era ser professora de ritmos, que é uma aula com foco em perca calórica e aumento da capacidade do metabolismo utilizando-se da dança como instrumento. Porém, eu nunca tinha ficado só a frente de uma turma de alunos, sempre tinha uma ou duas pessoas que revezavam comigo, como era o caso do Projeto de extensão Saúde e Movimento do qual fui bolsista na UFC.

Nesta semana posterior à formação eu precisei pesquisar bastante sobre que músicas que eu poderia usar, como montar a minha aula baseando-me nas fundamentações do treinamento esportivo, como aumentar ou diminuir o esforço de cada coreografia e possibilidades de movimentos a ser utilizados, este último sendo ajudado também pelo fato de que eu continuava como dançarina no projeto de extensão Oré Anacã e estava aumentando muito meu repertório motor.

Meu núcleo era o vigésimo de Fortaleza, localizado no bairro Jardim América, as minhas aulas aconteceriam na praça do Jardim América, um local aberto com histórico de comércio de drogas que aconteciam até pouco antes do horário da aula começar.

O meu núcleo contava com a parceria da Associação de Diabéticos e Hipertensos (ACEDH) onde lá aconteciam algumas aulas de cada agente durante a semana. Essa parceria durou até o primeiro semestre de 2016 quando devido a incompatibilidades de horários precisamos desativar esse subnúcleo.

A caixa de som utilizada por mim e por outro agente nas aulas que aconteciam na praça era guardada em um estacionamento próximo, pois era muito pesada para transportar da casa da nossa coordenadora de núcleo, que era onde ficavam os materiais que a SESPORTE cedeu ao núcleo. A caixa não tinha bateria então precisávamos de energia, que era cedida por uma banca próxima ao local da aula, e em troca as alunas davam todo mês dois reais para pagamento da energia da dona da banca, o que mais tarde gerou um problema.

Algumas alunas chegaram pra nós, agentes, e nos questionaram se tínhamos acesso à conta de energia da banca ou se acontecia alguma prestação de contas



referente a essa cota de dois reais. A coordenadora de núcleo entrou em contato com o superior dela, o coordenador pedagógico, e pediu orientação do que fazer, visto que o pagamento acontecia, mas não recebíamos recibo ou qualquer retorno do valor.

Ele nos orientou a pedir a conta para verificar se o valor pago era proporcional ao que consumíamos. Quando a dona da banca se negou a dar a conta e reagiu de forma defensiva, vimos que precisávamos interromper aquela cota e dar aula sem precisar cobrar nada. Eu e outro agente compramos uma caixa de som com bateria interna e assim, conseguimos seguir com o projeto normalmente.

Se antes a dona da banca era completamente solícita e simpática conosco, após a interrupção da cota ela passou a nem vir abrir a banca nos momentos em que as aulas aconteciam.

Relato esse fato pra exemplificar que nós, graduados e graduandos de Educação Física não precisamos somente do conhecimento teórico-biológico que muitos acreditam; falei anteriormente de como disciplina a Ética e Profissionalidade foi imprescindível para me ajudar e ajudar a nossa coordenadora a decidir qual a melhor atitude a ser tomada, para que menos danos fossem causados e que ninguém saísse mal ou ofendido.

Referente às minhas aulas, nos primeiros meses, as alunas não demonstravam capacidade motora e facilidade de memorizar/aprender as coreografias, digo isso, pois, avaliando-as em sua aprendizagem, a grande maioria não aprendia com facilidade. No primeiro mês só consegui que elas aprendessem uma música, no segundo mês consegui introduzir outra, e no terceiro adicionei mais uma. Então, em três meses consegui ensinar três músicas.

O nível das aulas foi evoluindo gradativamente até que comecei a não precisar mais ensinar as músicas trabalhadas e passei a dançar e elas repetiam comigo. A cada dia era uma alegria diferente.

Com o passar dos meses fui melhorando e aprimorando minhas aulas, e desenvolvendo minhas capacidades em paralelo, como por exemplo, dar aula de frente pras minhas alunas e dar os comandos de esquerda e direita contrário ao que eu estava, a primeira vista pode parecer besteira, mas isso ajudava bastante a elas

saberem pra onde ir, e eu não poderia dar aula de costas visto que não veria se elas estavam fazendo corretamente ou não.

Elas já tinham evoluído tanto que comecei a dar aula em blocos de músicas, ou seja, dançávamos três músicas e dava uma pausa de um minuto para elas beberem água e respirarem um pouco sem estar dançando.

A SESPORTE também nos cobrava a realização de eventos mensais pelo núcleo, como já mencionado, que poderiam ser qualquer evento fora do horário das aulas e com o objetivo de integração, comunicação e informação da comunidade com o núcleo.

Com o passar do tempo a relação com minhas alunas foi se tornando mais próxima e como muitas delas levavam as filhas para a aula pois não tinham com quem deixar, eu acabei me tornando mais próxima das famílias.

Nestes eventos contávamos com várias atividades, brincadeiras e jogos, aulas de esporte, aulas de ginástica e ritmos, yoga, palestras etc. Esses eventos eram importantes, pois era um momento de descontração entre professores e alunos, ficávamos mais próximos deles e eles de nós.

Com essa aproximação minhas alunas passaram a conversar comigo e a me enxergar como uma amiga, uma pessoa querida, e durante essas conversas pude perceber o quanto minhas aulas já tinham extrapolado o objetivo inicial de somente perda calórica.

Assim eu conheci a história de muitas, a maioria relatava problemas de saúde; colesterol alto, diabetes, hipertensão, sobrepeso, distúrbios alimentares, etc. Houve um caso de uma menina de 11 anos com histórico de colesterol alto desde os 6 anos. Ouvindo essas histórias me veio na lembrança os problemas alimentares que eu mesma tive quando era mais nova. A chance de não deixar outra adolescente emagrecer da mesma forma errada que eu emagreci foi de certo modo a minha contribuição para que o ciclo não se repetisse com outra menina.

Como o local de aula era uma praça, ou seja, um lugar aberto; quando chovia não conseguíamos dar aula, no encontro seguinte, a grande maioria vinha dizer que sentiu a falta da aula.

Os pequenos cuidados e presentes que minhas alunas me davam eram a certeza de que meu trabalho estava sendo feito muito bem, de que havia conseguido cativar minhas alunas e mostrar o quão bom um professor pode ser quando se trabalha com amor.

Essa experiência foi a minha primeira sensação de ser realmente uma professora, de ser chamada e tratada como tal, de avaliar a evolução do meu aluno e ver o quanto ele melhorou com a assiduidade nas aulas, de “quebrar a cabeça” fazendo planos de aula e pensando em possibilidades de exercícios didáticos para fazer a turma aprender mais fácil.

Não foi da noite para o dia que eu “virei” professora, e foi à custa de muito estudo e esforço para que isso acontecesse. Se antes, ao me chamarem de “professora” me causava estranhamento, como se fosse um nível acima de mim ou como se não merecesse ser chamada como tal, agora este título é motivo de orgulho por mim mesma.

Fui agente social de junho de 2015 até setembro de 2016 e quando o ano de 2017 começou, eu procurei outras oportunidades de bolsa. Dentre as que apareceram, fiquei com a que seria o meu maior desafio até agora.

#### **4. DE PROFESSORA A PROFESSORA: UMA CONSTANTE BUSCA DE NOVOS CONHECIMENTOS.**

Dentre as opções de bolsa, surgiu uma em especial que o coordenador do meu grupo de dança me indicou.

A bolsa era ofertada pela Secretaria de Cultura Artística (Secultart) da Universidade Federal do Ceará através do Programa de Promoção da Cultura Artística (Bolsa-Arte) 2017, e foi cedida à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP – UFC) através da Divisão de Programas e Projetos Culturais da Coordenadoria de Qualidade de Vida no Trabalho (DIPPC), para o projeto “Dança e Música”.

O projeto consistia em cursos direcionados para servidores docentes e técnico-administrativos da UFC (ativos ou aposentados), seus cônjuges (inclusive em relações homoafetivas)<sup>2</sup> e dependentes; e no caso da flauta, as inscrições eram abertas também a alunos da instituição.

Outra novidade é que no formulário de inscrição haverá um campo opcional para o inscrito colocar seu nome social.

O projeto contava com o apoio do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) e do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da UFC, por meio de alunos bolsistas dos cursos de música e educação física, professores orientadores e locais para a realização das aulas do projeto no campus no Pici, proporcionando uma maior articulação e alcance desses projetos, cujo foco é a qualidade de vida dos servidores e alunos dentro da faculdade.

O projeto contava com aulas de flauta, violão, canto, dança de salão e ritmos, onde um bolsista era responsável pelas aulas de violão, outra bolsista pelas aulas de canto e flauta, e eu responsável pelas aulas de dança de salão e ritmos.

O foco principal do projeto era promover a qualidade de vida no trabalho, trazer para o ambiente de trabalho momentos de lazer, descontração e convívio social. Segundo França (1997)

---

<sup>2</sup> Informações obtidas do release do projeto, especificado em edital de seleção.

Qualidade de vida no trabalho (QVT) é o conjunto das ações de uma empresa que envolve a implantação de melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas no ambiente de trabalho. A construção da qualidade de vida no trabalho ocorre a partir do momento em que se olha a empresa e as pessoas como um todo, o que chamamos de enfoque biopsicossocial. O posicionamento biopsicossocial representa o fator diferencial para a realização de diagnóstico, campanhas, criação de serviços e implantação de projetos voltados para a preservação e desenvolvimento das pessoas, durante o trabalho na empresa (p.80).

A mesma autora também conclui que

No contexto do trabalho esta abordagem pode ser associada à ética da condição humana. Esta ética busca desde a identificação, eliminação, neutralização ou controle de riscos ocupacionais observáveis no ambiente físico, padrões de relações de trabalho, carga física e mental requerida para cada atividade, implicações políticas e ideológicas, dinâmica da liderança empresarial e do poder formal até o significado do trabalho em si, relacionamento e satisfação no trabalho (p.80).

Porém porque dança de salão?

Apesar de ser uma atividade técnica com formato pré-estabelecido, a dança de salão é comumente usada com o objetivo de lazer, convívio social e satisfação pessoal, fato pensado como referência para a escolha da atividade pela coordenação do projeto.

Segundo Fonseca, Vecchi e Gama (2012), As possibilidades de movimentação corporal combinadas com a companhia de um parceiro seguindo um ritmo musical juntamente com o resgate emocional proporcionado pela dança, promove o desenvolvimento da relação do indivíduo com seu corpo e com o corpo do outro, seu parceiro direto ou outros casais, e os objetos do salão. O que o autor resume em “Evoluir na dança pode significar desenvolver-se como pessoa”.

O mesmo autor ainda cita:

Aprender a dançar com um parceiro parece ir muito além do aprendizado. Mover o corpo em companhia de outro, harmonizando movimentos em sintonia, num mesmo ritmo, resulta em uma união do ser físico numa quase mágica sincronia. Proporciona um encontro consigo mesmo, a partir do encontro com o outro sendo um canal de expressão dos sentimentos por meio dos movimentos. Questões como a timidez e dificuldade de sociabilização podem ser superadas ao som da música e no ritmo de cada indivíduo, pois a dança exige comunhão e respeito com outro, seja ele o parceiro(a) com quem se dança ou sejam os outros casais (FONSECA, VECCHI e GAMA, 2012)

A dança de salão foi escolhida para esse projeto por ser uma atividade predominantemente prazerosa, de lazer e convívio social. A dança no projeto Dança e Música funciona como as outras atividades como um momento de descontração e divertimento.

#### 4.1. EXPERIENCIAS COMO PROFESSORA

As inscrições para as aulas aconteceram em Abril de 2017, porém eu já havia sido contatada para ser a bolsista responsável pelas aulas de dança.

A coordenadora do projeto “Dança e Música” entrou em contato com o coordenador do Oré Anacã e pediu indicação de um(a) bolsista que poderia ocupar a função de professor<sup>3</sup> de dança de salão e ritmos, que me indicou como opção.

Quando soube que eu estava à procura de oportunidades de bolsa, o coordenador me questionou do meu interesse. Como eu nunca havia trabalhado a frente de uma turma de dança de salão a opção me pareceu bem assustadora. Por outro lado, era a chance que eu teria para me por a provar em mais um desafio; além disso, o coordenador e alguns amigos que souberam dessa possibilidade de bolsa me deram total apoio e incentivo, o que fortaleceu minha vontade de aceitar. Aceitei.

As aulas de dança de salão já eram ofertadas por este setor da UFC fazia quatro anos. O modelo de contratação neste período era por edital, num vínculo, como terceirizado. Em 2017, que o projeto mudou de configuração e passou a vincular a atuação do professor de dança como bolsista, estudante de graduação da UFC.

E quem seriam meus alunos? Eu teria três turmas novas, duas de ritmos e a turma de dança de salão iniciante, e uma pré-existente, a turma de intermediário de dança de salão.

Em todas as turmas havia servidores, ativos e aposentados, e dependentes, o que causava uma miscigenação de personalidades e tornava as turmas muito mais ricas.

Como eu já havia trabalhado como professora de ritmos, as duas turmas de ritmos não foram um desafio para mim; eu continuei a fazer meu trabalho como antes e os resultados e respostas foram iguais.

---

<sup>3</sup> O termo professor é utilizado pois a bolsista comandava as aulas sozinha e utilizava de suas próprias experiências e aprendizado, não sendo supervisionada por profissional da dança responsável.

Na turma de dança de salão iniciante, eu ensinava forró e bolero, ritmos que eu já havia visto nas minhas experiências anteriores, porém como uma visão de aluna; e agora como professora eu precisava mudar essa visão.

Na turma de intermediário os ritmos eram samba e salsa, um ritmo que eu nunca tinha visto, e outro que tinha visto pouco em aula.

Eu ensaiava muito em nos meus momentos livres para conseguir passar a eles o melhor que eu poderia, aprendia novos movimentos e passava a eles, e quando eles conseguiam executar de forma correta era uma satisfação muito grande, e a certeza de que eu estava ao menos no caminho certo.

A professora anterior, diferente de mim, tinha muita experiência profissional em dança de salão e isso refletia na forma como ela dava aula, o que era perceptível aos alunos da turma de intermediário que tiveram aula com ela até o ano de 2016. Para alguns, isso causou uma certa resistência, percebida por mim, porém continuei a levar as minhas aulas focando sempre no “copo meio cheio e não no meio vazio”.

Acredito eu que surgiram reclamações destes alunos, o que fez com que a coordenadora do projeto fizesse uma reunião de avaliação com os alunos; eles avaliaram tudo, as aulas, a professora, o espaço, a turma etc. Dessa reunião saíram alguns pontos que foram informados ao meu orientador para que este repassasse a mim de forma que pudesse melhorar as aulas.

Até esse momento ainda havia certa resistência, porém com as críticas e os direcionamentos do orientador eu pude mudar um pouco minha didática e isso influenciou bastante o clima das aulas.

Nas duas turmas houve mudanças para melhor, mas a mais nítida foi a do intermediário. Os alunos chegavam com mais ânimo, se sentiam na liberdade de falar comigo e me ajudar quando eu precisava de silêncio ou concentração nas aulas. Agora parecíamos estar no mesmo barco, remando com um único objetivo: aprender mais e nos divertir, isso porque como falamos antes, o projeto tinha foco na qualidade de vida na universidade.



Nesse clima de calma e diversão, foi solicitada pela coordenação do projeto, a montagem de uma coreografia em cada uma das turmas de salão para uma apresentação em um evento da universidade.

Se eu antes eu tive que me desdobrar para aprender a como dar aulas de dança de salão agora eu teria que montar uma coreografia com passos, movimentações e transições de músicas para uma apresentação aberta com plateia.

Neste contexto, surgiu a primeira dificuldade; a participação nessa apresentação era voluntária, como é prerrogativa do lazer, porém o projeto precisava desta apresentação para conseguir validar sua função dentro na universidade e garantir a renovação das bolsas.

Passamos quase um mês no processo de convencimento dos alunos de que eles eram capazes e que a apresentação não era esse “bicho de sete cabeças” que eles pensavam. Conseguimos convencer alguns, porém as turmas, agora em agosto, já haviam diminuído bastante<sup>4</sup>, então precisamos mesclar as duas turmas e ter participantes intermediários apresentando nas duas coreografias montadas.

A turma de samba ainda passou por mais uma dificuldade, havia pouquíssimos cavalheiros em relação às damas, o que me deu a ideia de fazer uma coreografia só com damas, para que todas pudessem ter a oportunidade de dançar sem ter que necessariamente ter um cavalheiro. Consegui montar a coreografia de samba de gafeira com duas damas para cada cavalheiro, focando em gestual e passos coreográficos simples e limpos.

Como já estávamos bem próximo das apresentações decidi com as turmas que focaríamos nas coreografias, com isso os alunos que não quiseram participar, acabaram não frequentando mais as aulas. Com o foco na coreografia o clima das aulas era mais direcionado, e se dispersassem, logo voltavam para continuarmos o andamento das aulas.

Tanto trabalho resultou em uma apresentação no dia nove de novembro de 2017. Com os três bolsistas trabalhando em conjunto, uma apresentação de flauta,

---

<sup>4</sup> A coordenação do projeto me explicou que era característica própria a evasão de alunos durante o ano e que levando isso em consideração, a coreografia seria montada.

violão canto e dança para mostrarmos o que foi aprendido e quão capaz nossos servidores/artistas são.

Essa experiência como professora levou-me a entender a importância de algumas disciplinas na graduação, e permitiu refletir que há múltiplas contribuições para a formação docente.

## 5. REFLEXÕES DA TRANSMUTAÇÃO DISCENTE-DOCENTE.

Quando falamos da formação de professores pensamos logo na graduação, no curso superior, porém o professor não nasce adulto e a formação não começa apenas, ao ingressar na faculdade. As experiências de vida nos mais diferentes contextos e fases de desenvolvimento são também fundamentais.

Refletindo como deveria ser essa formação profissional pós-ingresso em curso superior, NOVÓIA (1992) defende pensar o professor como pessoa, e sua formação deve estimular uma visão crítico-reflexiva do profissional para que a graduação permita um pensamento autônomo e que torne simples as dinâmicas de auto-formação participada.

Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NOVÓIA,1992).

Esse modelo pensando no professor como pessoa ainda é pouco trabalhado nas universidades e faculdades. O modelo mais comum é o que busca a formação racional, focando no perfil profissional de técnico- especialista, dando mais importância ao conhecimento científico e formal (CRUZ, 2009).

Só a partir de 2000 que essa visão de formação vem sendo trabalhada de outra perspectiva. Nesses parâmetros algumas pesquisas como a de Antonio Nóvoa e de Donald Schön, dois pesquisadores da área de formação profissional, foram base para fomentar as discussões e debates sobre a nova forma de enxergar a formação (CRUZ, 2009).

Seguindo esse raciocínio NÓVOA (1992) se apropria do conceito de Dominicé (1986) para perceber o processo de formação dependente de um percurso educativo, mas sem amarras ou limites que restrinjam as experimentações ou torne o processo demasiadamente educado; a formação deve ser uma via de mão dupla cujo conhecimento vem e vai, avança e recua, buscando a construção de um caminho que entrelace o conhecimento (o saber) e a essência da identidade pessoal.

O mesmo autor sugere que:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Goodson (1991) entende a necessidade de mais ações para tornar a prática da educação formal em um lugar de produção de conhecimento e de concepção de atenção especial às “pessoas- professores”.

Paulo Freire (1997) também entende a necessidade de uma “educação libertadora” para fugir do modelo de “educação bancária” que se preocupa apenas em depositar, transmitir valores e conhecimento sem verificar se aquele conhecimento é mantido e aprendido. Freire conclui então que:

A concepção e a prática da educação que vimos criticando-se instauram como eficientes instrumentos para este fim. Daí que um dos seus objetivos fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos muitos dos que realizam, seja dificultar, em tudo o pensar autêntico (p.67).

Todas essas teorias de formação profissional nos levam a entender a necessidade de transformação desse processo que ainda é muito tecnicista e acumulador de conhecimento. Esse tipo de visão restringe o profissional a um mero repetidor de informações, um livro cheio de palavras, porém nos falta interpretação.

Nós como professores temos o dever de trabalhar para que os próximos ingressantes nos cursos de ensino superior encontrem um local de acolhimento, debate e mudanças. Nosso modelo de educação atual é pensado para formar pessoas que guardem muitos conteúdos diferentes, porém não pense neles de forma diferente daquela antes ensinada.

Precisamos trabalhar para que essas discussões de como “ser professor” e o que um curso superior que forma professores deve ter para formar professores mais capacitados seja mais debatido, apropriado e utilizado para que essas mudanças consigam sair do papel e tornem-se realidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando meu caminho até a conclusão do curso, consegui enxergar que não nasci professora, mas me tornei. Isso porque na infância eu já gostava e conseguia aprender empiricamente passos e movimentações que nunca havia visto; professor além de saber explicar tem que “saber fazer”. Há uma frase que George Bernard Shaw, dramaturgo, romancista, jornalista irlandês entre outros, citou “quem sabe faz, quem não sabe ensina” a qual eu discordo totalmente. Pra mim “quem sabe faz; quem sabe mais, ensina” isso porque para ensinar precisamos além de saber o conteúdo, descobrir que via o meu aluno aprende melhor, e isso eu consegui na graduação com algumas disciplinas, dentre elas, Fundamentos Filosóficos, Fundamentos Sociológicos e, Ética e Profissionalidade.

Fundamentos Filosóficos modificou minha forma de ver o mundo, de questioná-lo, de descobrir as verdades conceituais que a graduação me traria. Isso foi extremamente importante para que eu não me tornasse uma profissional conformada e medíocre, e que pudesse questionar os termos e verdades expostos com a vontade de descobrir a realidade e não aceitar os pré-conceitos.

Fundamentos Sociológicos modificou a minha forma de ver o outro, de enxergar e me por no lugar do outro. Foi a disciplina mais incômoda das três, porém sem ela eu não conseguiria ser tão empática quanto sou hoje. Saber que caminhos o outro percorreu e que de certa forma isso o marcou; parece ser um conceito fácil de aprender, porém na prática foi uma tarefa bem difícil.

Ética e profissionalidade veio pra me preparar para as possíveis relações profissionais que eu poderia ter, e para perceber como é difícil trabalhar com pessoas. Eu não poderia começar a me inserir no mercado de trabalho sem antes ter passado por essa disciplina, pois foi nela que pela primeira vez me vi em situações de decisão sobre diversas hipóteses, os chamados dilemas éticos

A junção dessas três disciplinas começou a formar a professora que nasceria em mim, ela precisava desse tripé conceitual para encarar a vida profissional que viria a ter com o término na graduação.

Respondendo a primeira pergunta deste trabalho, “o que é ser professor?” eu ainda não tenho uma resposta definitiva, porém após percorrer todo esse caminho, sinto que me reconheço como professora e carrego no meu corpo as experiências vividas que me impulsionam a prosseguir.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. de O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p.479-500 – set/2007.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abril. 2002.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL, Diretrizes do Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC), 2014.
- CHAUÍ, M. S. **Convite à filosofia**. 1. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- CRUZ, M. A. S. O Ensino Reflexivo de Donald Schön: um estudo com acadêmicos de um curso de Licenciatura em Matemática. **32ª Reunião anual da ANPED Sociedade**, cultura e educação: novas regulações?, 2009.
- DOMINICÉ, P. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. Perspectivas, São Paulo, 2000.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. Perspectivas, São Paulo, 1979.
- FALEIROS, M. I. L. **Repensando o Lazer**. Perspectivas, São Paulo, p. 51-65, 1980.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996
- GOODSON, I. F. **Sponsoring the Teacher's Voice: Teachers' Lives and Teacher Development**, 1991.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A.(col.). **Sociologia Geral**. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1990.
- MACEDO, V. P. Formação de professores no contexto das mudanças educativas. *In: II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação*, 2011, São Paulo. Políticas Públicas e Gestão da Educação: construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas, 2011.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SOUZA, E. C. de, A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão, Natal**, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.